

Entre el fascio y la hoz y el martillo: la vigilancia sobre los voluntarios brasileiros en las Fuerzas Armadas de la España Republicana, 1936-1939.

Between the fascio and the hammer and sickle: vigilance over Brazilian Volunteers in Spanish Republican Armed Forces, 1936-1939.

por Jorge Christian Fernández*¹

Recibido: 20/10/2016 - Aprobado: 04/12/2016



Resumen

En este artículo pretendemos analizar el control y la represión ejercida sobre un grupo de ex soldados y civiles brasileños que formaron parte de las Brigadas Internacionales y el Ejército Popular Republicano durante la Guerra Civil Española de 1936-1939. En Brasil, el grupo siguió los caminos trazados por los "tenentes" y sobre todo por Luiz Carlos Prestes, una figura prominente en el Partido Comunista Brasileño (PCB) y el movimiento de masas antifascistas Alianza de Liberación Nacional (ANL). En noviembre de 1935, el grupo participó de diversas formas en el fracasado alzamiento comunista para derrocar la dictadura de Getulio Vargas. Desde la cárcel, los militantes acompañaron los sucesos de España y, al ser liberados, fueron enviados a España por el PCB, para colaborar en la lucha contra el fascismo. Sin embargo, pocos conocían la realidad española y las divisiones políticas dentro de la República, y menos aún sobre la inter-

* Centro de Ciencias Humanas y Sociales - Universidad Federal de Mato Grosso do Sul.

¹ Este artículo es una parte adaptada de la Tesis de Maestría del autor. Profesor Adjunto del Curso de Historia. E-mail: intbrig@yahoo.com.br



ferencia política y militar de la URSS en suelo español y la persecución contra presuntos o reales disidentes. Para este trabajo utilizamos análisis de contenido de las más diversas fuentes primarias y secundarias, obtenidas en los archivos de la Comintern y archivos policiales disponibles en Brasil, sumados a los testimonios de veteranos brasileños de la guerra civil española.

Palabras Clave: Guerra Civil Española - Brigadas Internacionales - trotskismo - anti-fascismo - comunismo.

Abstract

This article main objective is to analyze the control and repression made over a group of former soldiers and Brazilian civilians who were part of the International Brigades and the Popular Army Republican during the Spanish Civil War of 1936-1939. In Brazil, the group followed the traced paths by "*tenentes*" and mainly by Luiz Carlos Prestes, a prominent figure in the Brazilian Communist Party (PCB) and the antifascist's mass movement National Liberation Alliance (ANL). In November 1935, this group has been involved in various ways in the failed communist uprising to overthrow the dictatorship of Getúlio Vargas. From the jail, the militants accompanied the Spanish events and, soon after being released, they were sent to Spain by the PCB, to collaborate in the fight against fascism. However, few know the Spanish reality and political party divisions within the Spanish Republic and the political and military interference of the USSR on Spanish soil and persecution against real or suspected dissidents. For this work we used the analysis of contents of varied sources, both primary and secondary, from the Komintern documentation and police files archives in Brazil, to testimonies of Brazilian veterans of the Spanish Civil War.



Key words: Spanish Civil War - the International Brigades - Trotskyism - anti-fascism - communism.

No tórrido verão de julho de 1936, uma rebelião militar abalou a frágil estabilidade do governo republicano espanhol. Os sublevados intentaríamos o controle do território peninsular, mas sem obter o esperado sucesso limitaram-se a ocupar áreas rurais e cidades secundárias, onde receberam apoio dos setores conservadores. Assim, o território espanhol ficou dividido em legalista e “rebelde”. Cabe destacar que parte significativa das Forças Armadas espanholas debandaram para o campo rebelde, principalmente o Exército, um setor descontente frente as reformas empreendidas pelo governo moderado da Frente Popular, no poder desde fevereiro de 1936. Para defender a República restavam alguns militares legalistas que, junto com diversos partidos e sindicatos, organizaram milícias para lutar contra os facciosos. A defesa era corajosa, mas desordenada inexistindo um comando eficaz para coordenar as operações entre as milícias. Porém, uma milícia destacava-se sobre as outras pelo seu caráter disciplinado e militarizado: era o 5º Regimento do Partido Comunista Espanhol (PCE) que seria utilizado como modelo para a formação do Exército Popular Republicano (EPR) e das Brigadas Internacionais (BI).

No 5º Regimento já agrupavam-se, desde o início, diversos estrangeiros que destacavam-se pela sua capacidade combativa. Paralelamente, muitos outros estrangeiros combatiam em outras milícias com as mais variadas tendências políticas, anarquistas, socialistas, etc. Impressionado com as qualidades dos combatentes estrangeiros, a *Komintern*² começou a discutir a ideia de formar uma unidade internacional para auxiliar a República

² Abreviação do alemão *Kommunistische Internationale*, a III Internacional ou Internacional Comunista (IC).



Espanhola. A proposta foi apresentada ao governo espanhol, e após algumas reticências por parte dos setores moderados da Frente Popular, a ideia foi aceita e começou a instalar-se uma rede de recrutamento de voluntários para formar as BI.

O aparecimento das BI provocaram variadas reações no campo republicano. Principalmente temia-se que as BI, aliadas ao 5º Reg., fossem utilizadas para colocar os comunistas no poder. Esta inquietação não era somente dos burgueses republicanos e dos socialistas, mas principalmente dos anarquistas e poumistas³, cujas milícias começariam, em breve, a ser desarticuladas em favor da criação do EPR, e ter o seu poder paralelo ao Estado reduzido drasticamente.

Então decidiu-se que as BI seriam subordinadas ao governo espanhol e parte integrante do EPR. Na prática, porém, as BI seguiam as orientações superiores da *Komintern* sendo zelosamente cumpridas pelo comandante supremo das BI, o francês André Marty, veterano militante comunista e homem de confiança no *Kremlin*.

Assim, os primeiros voluntários foram enviados a Espanha para reunir-se com os outros estrangeiros que já estavam lá. Esta primeira leva continha velhos militantes comunistas, muitos proscritos em seus países de origem, havia entre eles militares e civis com experiência militar. Deste modo, Stalin afastava da URSS testemunhas certamente contrárias a seus expurgos, já em preparação.

Praticamente desde a sua criação, as Brigadas Internacionais estiveram sujeitas a um estrito controle político e ideológico, sendo seus integrantes examinados quase constantemente por um complexo e ramificado aparato policial-repressivo sob controle do PCE e da *Komintern*. Sabemos, inclusive, que na Espanha atuou ativamente um braço da *Narodny Kommiisari*

³ Militantes do Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM), de tendência heterodoxa, anti-estalinistas.



at *Vnutrennikh Del* (NKVD) e da *Obyedinyonnoy Gosudarstvennoy Politicheskoy Upravlenie* (OGPU)⁴ soviéticas. Enquanto os voluntários internacionais davam o seu sangue pela causa antifascista na frente de batalha, na retaguarda, os agentes da *Komintern* cuidavam de aniquilar dissidentes (reais ou supostos) de Stalin, todos convertidos em “auxiliares” ou “espiões” a serviço do fascismo internacional⁵.

Originalmente, a instalação de um sistema de controle para verificar a idoneidade dos voluntários que afluíam a Espanha era uma questão primordial de segurança, para evitar ou conter a infiltração de agentes policiais de vários países ocidentais (interessados em saber como funcionava por dentro a máquina comunista), de agentes provocadores ou sabotadores a serviço de Franco e/ou de espiões alemães ou italianos. À medida que a influência soviética foi crescendo na Espanha, foi também mudando o foco dos mecanismos de controle, que passaram a agir em função das premissas soviéticas⁶.

Os mecanismos de controle

Desde o primeiro momento em que o indivíduo se apresentava como voluntário para lutar na Espanha, ele começava a ser investigado em várias instâncias. Em primeiro lugar, o PC local investigava, dentro das suas possibilidades, a origem do candidato: origem social da família, filiação política, atuação sindical e comprometimento com a causa antifascista. A aprovação vinha na forma de um parecer que apresentava o candidato ao centro recrutador.

⁴ Literalmente, Comissariado do Povo para Assuntos Internos e Directorado Estatal Político Unificado.

⁵ Bayac afirma que dado o peculiar contexto da guerra, a paranoia da espionagem estava presente em todos os âmbitos das forças republicanas, não somente nas BI ou no EPR. Bayac, J. D. (1980) *Las Brigadas Internacionales*. Madrid: Júcar, pp 157-161.

⁶ Vidal, C. (1998) *Las Brigadas Internacionales*. Madrid: Espasa-Calpe, pp 359.



No caso dos brasileiros não era muito diferente, embora o “pequeno” PCB não dispusesse das mesmas condições que os “grandes” PC’s (como o PC francês ou o italiano) para poder efetuar um controle de seus militantes. Mesmo assim, o esquema de vigilância interna do PCB funcionava mesmo dentro das prisões brasileiras, para minimizar o perigo da infiltração policial. Como recordou Delcy Silveira:

“De vez em quando, a polícia colocava um espião no nosso meio.[...] Tínhamos um serviço de segurança bastante eficiente dentro do presídio, então passávamos a observar e conversar com o dito preso que ninguém conhecia, pedíamos informações para os companheiros fora do presídio”.⁷

Pelos cárceres haviam passado quase todos os futuros voluntários (assim como parte dos quadros e dirigentes) que foram encaminhados a Espanha. Logo, podemos dizer que a maioria dos voluntários já era de experimentada militância e de confiança em termos políticos, e foi considerada como apta para atuar na Espanha em nome do partido.

Vejamos um exemplo destes pareceres (cartas de apresentações) na carta enviada por “Castro” (que atuou como delegado do PCB na França) a algum dos organismos de controle dos voluntários estrangeiros na Espanha apresentando David Capistrano da Costa (os sublinhados são nossos):

É membro do PCB (SBIC)⁸ desde 1934. Sempre na atividade. Participou ativamente e com firmeza da insurreição de novembro 1935 na Escola de Aviação Militar no Rio de Janeiro. Preso, portou-se com muita firmeza durante os 20 meses de prisão, participando das lutas e dos protestos, participou dos cursos políticos e técnico-militares realizados na cadeia. Origem pequeno-burguesa, camponeses pobres. Terminou o curso de mecânico com exame p/ sargento. –Praça em 1932, promovido a cabo.

⁷ Silveira, D. (2001) *Entrevista com Delcy Silveira*. Porto Alegre, pp 20.

⁸ SBIC: Seção Brasileira da Internacional Comunista.



Foi mobilizado por nosso Partido para ajudar o heróico povo espanhol a defender a democracia e expulsar os invasores fascistas e assimilar a experiência dessa luta de que nosso Partido precisa armar-se. Tanto no caso de conquistarmos a anistia como no de ser desencadeada a guerra civil no Brasil pelos fascistas, nosso Partido pedirá a devolução desse camarada de forma que não seja prejudicado o trabalho que estiver fazendo ahí.

Saudações comunistas.

Castro

Delegado do PCB (SBIC)

Paris, 11/09/37.⁹

O delegado do PCB “Castro”¹⁰ escreveu várias cartas como esta e, excetuando-se os dados pessoais de cada voluntário, o resto do conteúdo da carta (as partes por nós sublinhadas) era praticamente igual. Logo, podemos evidenciar que havia um padrão nas informações que deviam ser enviadas. Destacamos também a ênfase dada a origem social do voluntário (no original, está sublinhado “camponeses pobres” e “mecânico”) e a repetição de certos termos que indicavam características morais do comunista em questão: “firmeza”, “atividade” ou “ativamente” e “participou” ou “participando”.

No segundo parágrafo, evidenciamos que a mobilização efetuada pelo PCB em prol da luta na Espanha não foi feita somente em nome das diretrizes e das palavras de ordem da *Komintern*, pois também era preciso “assimilar a experiência dessa luta de que nosso Partido precisa armar-se”. Nesse sentido, parece que o PCB, atendendo em primeiro lugar aos seus interesses políticos “nacionais”, concedeu em empréstimo alguns de seus quadros ou militantes para o PCE, mas com a ressalva de que [...] “tanto

⁹ Carta de apresentação de David Capistrano da Costa, por “Castro”, 11/09/1937. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

¹⁰ Segundo Apolônio de Carvalho, “Castro” era o ex-tenente Celso Tovar Bicudo de Castro, quem serviu de cicerone dos primeiros voluntários brasileiros em Paris. Carvalho, A. (1998) *Entrevista com Apolônio de Carvalho*. Porto Alegre, vídeo, 120 min.



no caso de conquistarmos a anistia, como no de ser desencadeada a guerra civil no Brasil pelos fascistas, nosso Partido pedirá a devolução desse camarada [...]”.

É importante ressaltar que a carta data de 11 de setembro de 1937 e que Capistrano da Costa fazia parte do primeiro pequeno contingente de militares-militantes que foi enviado a Espanha pelo PCB. O grupo principal, comandado pelo ex-major Carlos da Costa Leite somente partiu para a Espanha alguns meses depois de esgotadas as possibilidades de uma ação armada por parte dos opositores ao regime de Getúlio Vargas, no final de 1937.

Também observamos que a relação entre a “matriz” (*Komintern*) e a “filial” (PCB), apesar de ser vertical e centralizada, nem sempre era de plena subserviência desta com relação a aquela e nem mesmo muito harmoniosa. Pareciam existir contradições e interesses “nacionais” imediatos em jogo que posporiam o chamamento à luta “internacional” a um segundo momento. Temos indícios de que esse comportamento ocorreu também com outros partidos comunistas, como o Partido Comunista Estadunidense (CPUSA, que rejeitou o voluntariado de alguns de seus quadros justificando que eles eram mais valiosos no “*home front*” do que na Espanha¹¹. Veremos mais adiante outros documentos que revelam a complexidade da relação entre o PCB, o PCE e a Internacional Comunista (IC).

Ao chegar na França, sede-base do recrutamento das BI, o voluntário já devia apresentar em Paris as credenciais que atestassem sua idoneidade para poder continuar a viagem para a Espanha. Ali geralmente era entrevistado por um agente a serviço da NKVD ou da OGPU e seu currículo também era analisado. Com a aprovação final, o voluntário recebia as ins-

¹¹ Em português seria “frente interna”. Ver Carroll, P. (1995) *The Odyssey of the Abraham Lincoln Brigade: Americans in the Spanish Civil War*. California: Stanford University Press, pp 38.



truções e os meios necessários para a viagem até a Espanha. Vejamos o relato de José Gay da Cunha quando da sua chegada a Paris (os sublinhados são nossos):

Depois de instalarmo-nos, consulto a caderneta de endereços e procuro um dos que me haviam dado em Montevideo, “Casa dos Sindicatos, Rue Mathurin Moreau, 8” (sic) [...] Entramos na Casa dos Sindicatos. Em uma sala, nos atende Carmen, uma muchacha espanhola que trabalha nos serviços de ajuda a Espanha Republicana. Depois de explicarmos que somos dois brasileiros que vamos a Espanha [...] somos surpreendidos com a notícia de que “o senhor Jack não está mais em Paris” Era justamente para esse senhor que eu levava uma cartinha de recomendação.¹²

Efetivamente, a “*Casa dos Sindicatos, avenue Mathurin Moreau, 8*” em Paris era o escritório central de recrutamento das BI. Significativamente, funcionavam no mesmo local a *Maison de Moscou* da Delegação Francesa para o Direito de Asilo e o Comitê de Defesa do Povo Espanhol. A IC havia concentrado todos os seus serviços em Paris¹³.

“Carmen”, a *muchacha* espanhola a quem se refere Gay da Cunha era um quadro do PCE responsável por direcionar os voluntários estrangeiros¹⁴. O senhor “Jack”, a quem Gay da Cunha tinha de se reportar em Paris, deveria ser Arnold Reid ou Reisky, um experiente quadro do CPUSA que já havia trabalhado no México e em Cuba. Durante um tempo Reid esteve trabalhando em Paris na organização e envio dos voluntários das BI, além de servir como elemento de ligação com a IC, mas na data em que Gay da Cunha chegou a Paris “Jack” já estava lutando com a XV BI

¹² Cunha, J. G. (1986) *Um Brasileiro na Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Alfa Ômega, 2 ed., pp 26-28.

¹³ Vidal, C. (1998) *Las Brigadas Internacionales*. Op. cit., pp 61 e 482.

¹⁴ Battibugli afirma que ela era uma comunista alemã, mas não cita a fonte. Ver Battibugli, T. (2000) *A Militância Antifascista: Comunistas Brasileiros na Guerra Civil Espanhola*. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: USP, pp 146.



na Espanha¹⁵. Tanto “Jack” quanto “Carmem” ocupavam cargos importantes no esquema da IC e tiveram relação direta ou indireta com os brasileiros, como veremos mais adiante.

O general Schmucl Ginzburg, mais conhecido por “Walter Krivitski” foi, antes de se exilar nos EUA, chefe do Serviço Secreto Militar da URSS e serviu na Espanha. As primeiras informações que se tiveram no Ocidente sobre o funcionamento do sistema repressivo soviético se devem a ele¹⁶. Segundo relatado por “Krivitski” havia pontos de controle em várias cidades (“antenas”), onde militantes comunistas ou simpatizantes, atuando em organizações tais como o Socorro Vermelho Internacional (SVI) ou os Comitês de Ajuda a Espanha Republicana, de onde enviavam informações e relatórios sobre os voluntários internacionais para os organismos de controle competentes, tais como o Serviço de Controle de Quadros do PCE e o Comissariado Geral das BI.

A rede de informação, vigilância e espionagem montada em torno das BI era vasta e complexa, além de burocratizada ao extremo como atestam os diversos tipos de pareceres, fichas, questionários, biografias e relatórios que encontramos sobre os voluntários brasileiros nos Arquivos da IC.

As relações entre as organizações comunistas eram bastante complicadas, além de serem assimétricas. Ou seja, havia partidos “maiores” como o PCF ou o PCI e partidos “menores” como o CPUSA e o PCB, sendo que o PCB ainda recebia suporte financeiro do CPUSA¹⁷. O primeiro contingen-

¹⁵ Arnold Reid morreu em combate em julho de 1938, na ofensiva do Ebro. Ver Carroll, P. (1995) *The Odyssey of the Abraham Lincoln Brigade: Americans in the Spanish Civil War*. Op. cit., pp 198-192.

¹⁶ Durante muito tempo, o relato de “Krivitski” foi rejeitado pelos acadêmicos, pois se suspeitava da sua objetividade ou veracidade. Com a abertura dos Arquivos de Moscou se confirmaram muitos dos procedimentos e hipóteses apontadas por ele e que antes não tinham comprovação documentada. Conseqüentemente, houve uma redescoberta por parte dos acadêmicos deste e outros autores considerados malditos. Ver Vidal, C. (1998) *Las Brigadas Internacionales*. Op. cit., pp 357-358, e também Broué, P. (1993). *Staline et la Révolution: Le Cas Espagnol*. Paris: Fayard, pp 82, 92, 93, 106, 125 e 294.

¹⁷ A informação esta no livro de WAACK, W. (1993). *Camaradas*. São Paulo: Compa-



te de brasileiros que chegou a Espanha, em setembro-outubro de 1937, não foi considerado suficientemente confiável do ponto de vista político pelo PCE. Parece que as cartas enviadas pelo delegado do PCB (“Castro”) em Paris ao PCE não foram suficientes para comprovar a idoneidade dos comunistas brasileiros. O PCE queria um aval político mais concreto. Mesmo com a chegada do dirigente Roberto Morena como “enviado especial” do PCB em novembro e a carta enviada do Brasil por “Arnaldo” (na verdade Lauro Reginaldo da Rocha¹⁸), então Secretário Nacional do PCB ao CC do PCE, em janeiro de 1938¹⁹, a situação política dos brasileiros não mudou muito.

O próprio Morena, aliás “Claudio Ballesteros Gonzalez” ou “Vicente da Silva” foi enviado a um comitê provincial do PCE onde, isolado dos demais brasileiros, foi acompanhado de perto e avaliado pelos seus camaradas espanhóis, conforme ele mesmo escreveu numa longa carta ao CC do PCE:

Cumpliendo con vuestras órdenes, me encuentro trabajando en el Comité. Provincial de Partido Comunista en Alicante. De mis trabajos, pude (sic) hablar el buró y algunos compañeros del Comité Central que han venido aquí, tales como M. Fernández Valdés, que há convivido com nosotros vários dias²⁰.

Na mesma carta ainda, Morena apresentava a carta recebida de “Arnaldo”, do CC do PCB, como uma outra credencial que avalizaria sua posição em conjunto com o bom trabalho que estava fazendo em Alicante:

nhia das Letras, pp 333. Lembremos que nas próprias fichas dos voluntários brasileiros consta que a passagem para a Espanha foi paga pelo CPUSA ou alguma de suas organizações satélites.

¹⁸ Também era conhecido por “Bangu”. Ver Dulles, J. W. F. (1985). *O Comunismo no Brasil: 1935-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp 36.

¹⁹ Carta de “Arnaldo”, Secretário Nacional do PCB ao CC do PCE, 14/01/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Ver Anexo C.

²⁰ Carta de “Claudio Ballesteros Gonzalez” (Roberto Morena) ao CC do PCE, 20/03/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

Adjunto os envié (sic) una carta del Comité Central del P.C. del Brasil al C.C. del P. C. Español, que desearia que fuera publicada en “Frente Rojo”. Vosotros debéis tener en cuenta lo que he expuesto anteriormente, pues pienso que ahora, mejor que cuando me conocisteis en Barcelona, sabréis valuar mi ofrecimiento pues tengo el aval del Comité Provincial del Partido Comunista de Alicante, al cual he enseñado esta carta.

É interessante destacar que a carta de “Arnaldo”, além de apresentar e creditar Morena como “enviado especial” do PCB, provavelmente tinha outro objetivo: justificar perante os comunistas espanhóis (e talvez para a *Komintern*) a pequena participação brasileira, atribuindo exclusivamente a causa ao golpe “fascista” de 10 de novembro de 1937²¹.

Morena ainda comentou em sua carta, *on passant*, o mau aproveitamento de David Capistrano da Costa e José Homem Correa de Sá, que sendo da Aviação estavam subaproveitados na Infantaria. Manifestou também o desejo de ver os camaradas brasileiros e poder discutir com o CC do PCE [...] “un auxilio más eficaz y mas metódico que tenemos hasta ahora e también, con el fin de ponernos de acuerdo sobre la aportación del Brasil al movimiento Español”²². Ou seja, apesar de relegado a um segundo plano, Morena reafirmou sua boa vontade e obediência aos ditames do partido espanhol.

Neste sentido deve ter sido a desconfiança do PCE em relação a idoneidade política dos brasileiros a principal razão para que os militares brasileiros não fossem colocados em posições condizentes com as suas especialidades. Por outro lado, enquanto não fosse conhecido o histórico dos militantes brasileiros, estes também não poderiam ser admitidos no PCE,

²¹ Carta de “Arnaldo”, Secretário Nacional do PCB ao CC do PCE. 14/01/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

²² Na mesma carta, Morena informou que uma segunda delegação brasileira se achava a caminho da Espanha. Carta de “Claudio Ballesteros Gonzalez” (Roberto Morena) ao CC do PCE, 20/03/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.



o que bloqueava sua atuação política. Havia ainda outro instrumento de controle do PCE: eram as chamadas Biografias de Militantes, de preenchimento obrigatório para todos os internacionais que desejassem entrar no PCE. As informações dadas na ficha deviam ser corroboradas e checadas com outros comunistas para serem validadas²³.

A desconfiança dos comunistas espanhóis para com os comunistas brasileiros não diminuiu nem mesmo com a chegada do ex-major Carlos da Costa Leite e o segundo grupo de voluntários. Diferentemente dos seus subordinados, ele não era somente um voluntário destinado a empunhar um fuzil em combate na Espanha. Havia sido enviado pelo PCB como dirigente com tarefas políticas para cumprir em benefício do partido. Ou seja, Costa Leite, além de atuar militarmente, também procurou desempenhar na Espanha atividade política ligada ao Brasil.

Em 19 de abril de 1938, Costa Leite solicitou ao PCE que publicasse uma matéria escrita por ele dando publicidade a “la llegada de la Delegación (de) militares antifascistas brasileños, su recepción por parte del Gobierno y su incorporación voluntaria al Ejército popular republicano [...]”²⁴. Os motivos alegados por ele para que a matéria fosse publicada parecem bastante elucidativos.

O primeiro motivo era fazer valer sua autoridade enquanto dirigente da ANL, apresentando suas credenciais de membro da direção nacional da ANL e representante desta no Uruguai e Argentina, além de colaborador na preparação de uma conferência democrática continental nestes países, onde se discutiria como deter o fascismo na América e a ajuda a Espanha republicana.

Como segundo motivo ressalta que a notícia da chegada de uma dele-

²³ Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

²⁴ Carta de Costa Leite ao Serviço de Quadros do PCE, 19/04/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.



gação brasileira teria uma repercussão positiva no Brasil, tendo-se em vista que os membros da delegação eram figuras conhecidas e queridas nos círculos políticos e militares brasileiros.

Já o terceiro motivo seria denunciar como “provocação” a atitude dos três militares que desistiram, no último momento, de lutar na Espanha e evitar que eles fizessem na América do Sul uma campanha contra a causa republicana. Segundo ele, deveria destacar-se que a delegação foi bem acolhida na Espanha e seus membros eram os “verdadeiros representantes” do povo brasileiro. Isto deveria ser veiculado principalmente no Brasil e no Prata, para marcar uma posição política contrária à política oficial brasileira, argentina e uruguaia (todas simpáticas a Franco) frente à questão espanhola.

Por último, assinalava que a ditadura “fascista” de Vargas não conseguira ainda se consolidar e, pressionada interna e externamente, assinalava com propostas demagógicas tais como direito de asilo ou anistia aos presos políticos.

Neste sentido, Costa Leite acreditava que a notícia da recepção positiva à delegação brasileira na Espanha serviria para pressionar Vargas ainda mais, no sentido de uma anistia a presos e asilados antifascistas. Segundo ele, a principal reivindicação do PCB consistia em construir[...] “un gran frente nacional brasileño y quizás continental contra la penetración fascista y por la independencia nacional de los países americanos”. Considerava que se essa frente se concretizasse no Brasil isso representaria não somente uma ajuda a Espanha, mas no conjunto da luta contra o fascismo mundial²⁵.

Podemos considerar que a estratégia de luta política de Costa Leite (enquanto militar e político) se pautava, no mínimo, em três dimensões

²⁵ Carta de Costa Leite ao Serviço de quadros (?) do PCE. 19/04/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.



seguindo uma ordem de prioridades: em primeiro lugar, no âmbito nacional visto que estava preocupado concretamente com a luta imediata frente a ditadura do *Estado Novo* de Vargas, mesmo estando na Espanha. Em segundo lugar, a luta na Espanha que, a rigor do discurso antifascista, representava a mesma luta contra o mesmo inimigo, embora em outras latitudes. Assim, o popular lema dos antifascistas italianos “*oggi in Spagna, domani in Italia*” poderia ser adaptado ao gosto brasileiro: hoje na Espanha, amanhã no Brasil.

Por último, Costa Leite contemplava efetivamente uma dimensão global da luta contra o fascismo. Neste sentido, o fascismo, representava um inimigo internacional que perpassava as fronteiras nacionais, ameaçando a integridade dos países. Logo, a luta no Brasil e na Espanha representava importantes etapas nacionais de uma luta internacional ainda abstrata, posto que não havia sido ainda travada.

Não sabemos se o PCE deu publicidade à carta de Costa Leite. Entretanto, podemos observar que a sua inserção no aparato comunista na Espanha não ocorreu de forma imediata, mas sim através de um longo processo burocrático, conforme atestado pelas correspondências trocadas entre os dirigentes do PCE e da IC a respeito de Costa Leite.

Em julho de 1938, Costa Leite foi apresentado pelo CC do PCE ao camarada “Edo”. Na carta esclarecia-se que Costa Leite não havia trazido documentação mas destacava que [...] “parece que alguien con autoridad le envió aqui a España. Quiere plantearos unos asuntos y aclarar su situación”²⁶. Entretanto “Edo” (o comunista italiano Eduardo D’Onofrio) que era o adjunto do Comissário geral das BI, Luigi Longo²⁷, não se convenceu facil-

²⁶ Carta do CC do PCE a “Edo”, 22/07/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

²⁷ “Edo” era homem de confiança da IC e na Espanha exerceu várias funções ligadas ao Comissariado Político das BI. Vidal, C. (1998) *Las Brigadas Internacionales*. Op. cit., pp 491, 495.



mente. Em agosto, o responsável pelo recrutamento das BI, o polonês Bot (aliás “Max”) pediu a outro “camarada” (“Olaso”, provavelmente do CC do PCE) que interferisse junto a “Edo” para regularizar a situação de Costa Leite²⁸.

De fato, no dia seguinte, Roberto Morena recebeu uma carta enviada pelo CC do PCE que parecia esclarecer a situação do contingente brasileiro (os grifos são nossos):

Hace solamente algunos dias y en la ocasión de una visita que nos hizo el camarada DA COSTA LEITE CARLOS, hemos podido **obtener algunas indicaciones serias, respecto a los camaradas brasileños encontrándose aqui en España y por consiguiente sobre ti también.** Las dificultades que hemos siempre encontrado en lo que trata de los camaradas brasileños, son debidas, al hecho de **que hasta ahora nadie há podido darnos informes y garantias políticas serias que nos permitieran ser tranquilos del todo respecto a su cualidad de miembros del Partido. Ahora hemos encontrado a um camarada de confianza el cual os conoce y nos há dado informes sobre vuestra actividad pasada.** Debemos de informaros que **hasta ahora el Partido Comunista Brasileño no nos há escrito nunca para darnos un aval político respecto a vosotros.**²⁹

É interessante destacarmos que tanto os informes do delegado do PCB em Paris, quanto a presença do dirigente Roberto Morena na Espanha não serviram para avalizar o perfil político dos voluntários brasileiros. Aliás, a própria carta enviada pelo Secretario Nacional do PCB, “Arnaldo”, sequer foi considerada pois “[...] hasta ahora el Partido Comunista Brasileño no nos há escrito nunca para darnos un aval político respecto a vosotros”. Quanto a possibilidade de repatriar os brasileiros, o PCE colocava a questão nos seguintes termos: o PCB deveria se dirigir ao CC do PCE. Considerando-se que entre os dirigentes do PCE estavam personalidades da IC,

²⁸ Carta de “Max” a “Olaso”, 16/08/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Sobre “Max” ver Vidal, C. (1998) *Las Brigadas Internacionales*. Op. cit., pp 481-482.

²⁹ Carta do CC do PCE para “Claudio Ballesteros Gonzalez” (Roberto Morena), 17/08/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.



como o italiano Palmiro Togliatti e o ítalo-argentino Vittorio Codovilla, podemos considerar que dirigir-se ao CC do PCE era quase como tratar com a *Komintern*.

Mas, se para o CC do PCE a situação dos brasileiros estava esclarecida, ainda demorou um tempo para que “Edo” se convencesse da idoneidade política dos mesmos, conforme atesta em carta enviada ao responsável pelo recrutamento das BI, “Max”. Apesar destes problemas iniciais, Carlos da Costa Leite conseguiu finalmente obter a confiança de “Edo” e outros dirigentes de relevo, pois quando da desmobilização dos voluntários estrangeiros, Costa Leite se tornaria o responsável do PCE no campo de desmobilização de Cardedeu. Mais tarde, ao ser internado nos campos de refugiados na França, ele seria nomeado responsável pela direção político-militar do PC dentro do campo³⁰.

Em Cardedeu, Costa Leite realizou intenso trabalho político. Ele emitiu pareceres sobre quase todos os brasileiros que se encontravam servindo na Espanha. Esses pareceres pouco diziam sobre a atividade militar do indivíduo, mas informavam a respeito da conduta moral e política dos voluntários. Ou seja, se antes a *Komintern* virtualmente desconhecia os camaradas brasileiros, Costa Leite se encarregou de sistematizar as informações sobre estes, desqualificando alguns ou avalizando outros que poderiam ser úteis numa luta futura no Brasil.

Por outro lado, enquanto militar, o comandante Costa Leite já tinha prática de escrever dossiês sobre seus subalternos no Brasil³¹. Vejamos alguns exemplos dos pareceres escritos por Costa Leite na Espanha, os grifos constam no original:

³⁰ Parecer sobre Carlos da Costa Leite, escrito por “Edo”, 01/11/1939. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

³¹ Todos os comandantes do Exército Brasileiro deviam escrever obrigatoriamente “juízos” sobre os seus oficiais subordinados. Ver SODRÉ, N. W. (1986). *Do Tenentismo ao Estado Novo: Memórias de um Soldado*. Rio de Janeiro: Vozes, pp 131-132.



- 1) Nemo Canabarro Lucas. (ten^{te} infant^a) antifascista (Brasil) No comunista. Estuvo preso 19 meses por el movimiento de noviembre 1935 en el Brasil. Inteligente. Tiene cultura técnica militar. Vanidoso. Mentalidad pequeño burguesa, desconoce el marxismo. Muy trabajador. Si lo ganamos - una buena adquisición. Si lo perdemos del todo - un elemento peligroso³².
- 2) Pinto de Carvalho, Apolônio. Brasileño, capitán. Posiblemente el mejor de los militares brasileños en España.³³
- 3) Manuel Coelho de Souza. No conviene entregar el Carnet, no es un tipo sério ni muy adicto al Partido. Vivió en Portugal. Informe por Da Costa Leite³⁴.

Costa Leite foi muito severo com alguns dos voluntários. Sobre José Homem Correa de Sá ele escreveu: “Miembro del Partido. Quizá el peor de los brasileños comunistas desde el punto de vista del Partido. Falta de interés en el trabajo político. Se desmoralizó un poco. (...) No muy firme políticamente”³⁵.

Cabe lembrar que Correa de Sá foi um dos primeiros voluntários brasileiros oriundos da Aviação Militar no Brasil. Além de não conseguir seus objetivos declarados, [...] “ayudar técnicamente al pueblo español e ingresar en la aviación republicana”, conforme ele escreveu em sua Biografia de Militante do PCE³⁶, ele foi incorporado como soldado raso de infantaria, sendo um ex-aspirante a oficial especializado. Correa de Sá foi certamente vitimado pela desconfiança geral que pairou sobre os brasileiros por não possuírem o aval político. Inconformado, ele protestou veementemente perante o Serviço de Quadros do PCE, em carta dirigida (escrita em um “portunhol” terrível) a “Carmen”:

³² Listagem de voluntários redigida por Carlos da Costa Leite, 16/04/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

³³ Información dada por el mayor Costa Leite en conversación, 15/1/39 A.M. Elliott. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

³⁴ Idem.

³⁵ Biografia de militante de José H. Correa de Sá, 24/10/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

³⁶ Idem.



Estoy aquí en Albacete no se el destino que me van a dar, pero sea qual fuer (sic) yo no me quedo satisfecto (sic). La única cosa que quiero ahora es mi baja de las Brigadas e isto ya te pido insistentemente para que yo no venga a cometer un ato de desespero, porque desesperado yo ya estoy a mucho tiempo. Antes de nada, quiero mi baja de las Brigadas, despues sino huber (sic) posibilidad de yo entrar para la aviación quiero mi repatriamiento. Mas una vez te pido que me solicite a las autoridades militares a quien esteja isso afecto, para que yo no tenga que reproducir atos humillantes³⁷.

Correa de Sá enviou ainda uma segunda carta de protesto. Não foi atendido em suas reivindicações e passou a guerra como soldado raso. Por fim, ainda recebeu o parecer de Costa Leite para desqualificá-lo perante os colegas e o partido. A camarada “Carmen” também pagou por sua atuação. Segundo José Gay da Cunha [...] “ela foi afastada do cargo [...] porque ficou constatado que o seu trabalho sectário foi a causa de um péssimo aproveitamento dos quatro latino-americanos”³⁸. O partido não permitia muitas críticas nem deslizes morais. Muito menos deslizes políticos.

Os brasileiros que serviram na XII BI também tiveram sua atuação política e militar examinada pelos seus respectivos comissários políticos de Batalhão. Os pareceres (em italiano) eram ratificados em última instância pelo responsável ao nível de Brigada, que assinava sob o pseudônimo de “Nicoletto” ou “Nicoletti”, como consta na ficha de José Homem Correa de Sá. Provavelmente, ele fosse o dirigente comunista italiano Giuseppe di Vittorio, que também foi um dos primeiros organizadores das BI³⁹.

³⁷ 1º Carta de José H. Correa de Sá a camarada ‘Carmen’ do departamento de quadros do PCE, 17/02/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

³⁸ Cunha, J. G. (1986) *Um Brasileiro na Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Alfa Ômega, 2 ed., pp 173-174.

³⁹ Biografia de militante de Jose H. Correa de Sá, 24/10/1938. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Sobre Nicoletti, ver VIDAL, C. (1998) *Las Brigadas Internacionales*. Op. cit., pp 479-485.



A repressão política aos “trotskistas” brasileiros

A respeito da perseguição política, sabemos que, pelo menos, três voluntários vindos do Brasil foram acusados de trotskistas e sofreram o peso da política repressiva dos stalinistas. O primeiro deles foi o ex-tenente Alberto Roberto Bomílcar Besouchet.

O caso Besouchet é exemplar para mostrar como atuava a complexa rede de informações que sustentava o aparato repressivo dos PC's e da IC. Em 24 de janeiro de 1937, uma correspondência confidencial enviada ao Departamento de Quadros do CC do PCE reproduzia um informe chegado desde o Brasil:

El teniente Alberto Besouchet se encuentra actualmente en España. Después de su salida del Brasil se ha descubierto que Besouchet se ha pasado al trotskismo (sic). El ha dejado una prueba que es una verdadera provocación contra la revolución de liberación nacional y contra el gobierno español. Si es posible encontrarlo hay que detenerlo y también urge notificar todos los camaradas a fin de que no le permitan usar el nombre del Partido Comunista del Brasil⁴⁰.

Recomendando ainda que fosse enviada uma cópia para o Comissariado Político das BI, assinava o informe “Maria”, do SVI. Tudo indica que “Maria” era o codinome da ex-artista vanguardista italiana Tina Modotti, companheira de Vittorio Vidali (“Carlos Contreras”), homem da OGPU e que circulava na Espanha trabalhando simultaneamente para vários organismos comunistas, como o 5º Regimento do PCE e o SVI, comandando ainda uma “seção especial contra o trotskismo” dentro das BI⁴¹.

⁴⁰ Informe confidencial de “Maria” ao CC do PCE, 24/01/1937. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

⁴¹ A bibliografia sobre a GCE está repleta de menções a atuação de Vidali. Escolhemos uma referência mais recente e concisa BROUÉ, P. (1993). *Staline et la Révolution: Le Cas Espagnol*. Op. cit., pp 31, 111, 115 e 121.



Por sua vez, Modotti também operou no serviço de contra-espionagem das BI sob as ordens de Pauline Marty, a esposa do chefe supremo das BI, André Marty⁴². Besouchet tornou-se um homem marcado.

Precisamente oito meses depois, o delegado do PCB, “Castro”, escreveu a “Jack” em 24/09/1937, em resposta a uma requisição prévia (“Jack” era do setor de recrutamento das BI), reafirmando a denúncia sobre a tendência “esquerdista” de Besouchet. Na carta-dossiê, “Castro” dava pistas sobre a suposta movimentação de Besouchet e informava detalhes sobre os contatos que este mantinha em Paris: com a cantora americana Elsie Houston, ex-mulher do poeta modernista francês Benjamin Péret (que havia ido a Espanha) e cunhada de Mário Pedrosa, líder da dissidência trotskista brasileira.

A carta finalizava expressando que medidas deveriam ser tomadas para controlar as atividades de Besouchet e, se nada mais “sério” (Besouchet havia escrito um artigo que o PCB recusou em publicar, mas a dissidência de esquerda não) fosse encontrado contra ele, que os camaradas espanhóis o levassem a cortar relações com “o outro lado da barricada”⁴³. “Castro” ainda sugeria como ideal que Besouchet denunciasse o “trotskismo” e os seus irmãos, que eram dissidentes do PCB⁴⁴, em um artigo (para ser publicado no Brasil). A carta de “Castro” sugere, portanto, que os comunistas já haviam localizado Besouchet e tinham meios de agir sobre ele.

Na verdade, as informações sobre a trajetória de Besouchet na Espanha ainda permanecem desconexas e fragmentadas. Algumas fontes dizem que serviu no *staff* do general Miaja, em Madrid, e que morreu em comba-

⁴² Para Broué, Modotti também era agente da OGPU. Ver BROUÉ, P. (1993). *Staline et la Révolution: Le Cas Espagnol*. Op. cit., pp115 e 342. Existem dezenas de *homepages* na Internet a respeito dos trabalhos fotográficos de Tina Modotti. No entanto, poucas delas fazem menção a tarefa desempenhada por Modotti na Espanha.

⁴³ Na carta literalmente, *the other side of the barricade*.

⁴⁴ Carta-dossiê de “Castro” para “Jack”, 24/09/1937. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.



te em 1938. Outros indicam que Besouchet teria se alistado nas BI onde, uma vez descoberto, teria sido executado por ordem de André Marty. Por último, também se afirma que Besouchet partiu do Brasil levando uma carta de recomendação de Mário Pedrosa apresentando-o a Andreu Nin, o chefe do POUM⁴⁵.

Costa Leite foi categórico em um parecer posterior: “Tuvo relaciones com trozkistas (sic). Murió en los acontecimientos de Mayo”[o levante anarco-poumista em 1937]. Contraditoriamente, em 05/07/1938 Besouchet ainda constava fichado como “trotskista” na capa da pasta Nº 20949, o que nos leva a crer que ele pudesse estar vivo naquela data⁴⁶.

O que se sabe é que Besouchet desapareceu por causa de suas ligações com “trotskistas”. Não foi a única vítima estrangeira dos stalinistas na Espanha: numerosos estrangeiros e espanhóis foram presos ilegalmente, torturados, mortos e desaparecidos sob a acusação de “trotskismo”, “espionagem” ou “traição”⁴⁷.

Em 1938, o deputado inglês John Mac Govern, do *Independent Labour Party* (esquerda trabalhista), foi a Espanha chefiando a Comissão Internacional de Partidos Socialistas Revolucionários para investigar as denúncias de abusos cometidos contra os revolucionários do POUM e da CNT-FAI. Denunciou em um texto o que a comissão constatou *in loco*: mais de três mil presos e inúmeros mortos e desaparecidos⁴⁸. Besouchet poderia estar entre eles.

⁴⁵ Almeida, P. R. (jun/1999) “Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: Combatentes na luta contra o Fascismo”. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, UFPR, pp 49 e DULLES, J. W. F. (1985). *O Comunismo no Brasil: 1935-1945*. Op. cit., pp 175-176, 313.

⁴⁶ Parecer sobre Besouchet dado por Carlos da Costa Leite, 15/01/1939. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL. Infelizmente, a tal pasta não existe nos arquivos da IC que estão em Campinas.

⁴⁷ Recomenda-se ver o trabalho de Pierre Broué, especialmente o Capítulo IX. Broué, P. (1993) *Staline et la Révolution: Le Cas Espagnol*. Op. cit..

⁴⁸ Mac Govern, John. “El Terror Comunista en España.” Originalmente publicado em *La Révolution Proletarienne* Paris, Nº263, 25/01/1938. Disponível em: <http://www.geocities.com/CapitolHill/9444/ilp.htm> [visitado em novembro 2001]



Outros dois voluntários vindos do Brasil foram perseguidos sob a mesma acusação de “trotskismo”: Ernest Joske e um tal Beinermann. Sobre Beinermann, não temos muitas informações, a não ser um pequeno informe acusatório vindo do PC francês para o PCE, onde ele e Joske são acusados de serem “trotskistas ativos”:

Nous vous prions de faire le necessaire pour aider tous les camerades brésiliens sauf Beinermann et Joske au sujet desquels on doit faire quelques réserves étant autrefois des trotskistes actifs, et quioque ils aient reconnu leurs fautes ils désirent malgré tout se rendre au Mexique, ce qui démontre qu’ils n’ont pas renoncé a leur position. Or, nous venons de recevoir une lettre de Joske suivant laquelle il se trouve en Espagne⁴⁹.

É bem possível que a mensagem viesse originalmente do PCB, e o PCF apenas a retransmitisse ao PCE. Ao analisarmos a ficha político-militar de Joske nas BI parece que este desempenhou satisfatoriamente as suas missões nas BI e aceitou plenamente a linha da Frente Popular proposta pelo PC, renunciando a sua posição “esquerdista”. No item em que se perguntava capciosamente se o soldado aprovava e considerava “[...] buena y justa” a política da Frente Popular, Joske respondeu secamente o esperado: “Si.[...] Porque unió todas las fuerzas de todas las capas democráticas, tanto burgueses como proletários, en la lucha contra el enemigo común, el fascismo”⁵⁰.

Porém, quando lhe perguntaram sobre as BI enquanto organização política e militar ele respondeu:

⁴⁹ “Rogamos fazer o necessário para ajudar a todos os camaradas brasileiros salvo Beinermann e Joske por causa deles terem feito pouca reserva de terem sido antigamente ativos trotskistas, e ainda que tenham reconhecido seus erros, desejam, apesar de tudo, ir ao México, o que demonstra que não abandonaram sua posição. Acabamos de receber uma carta de Joske segundo a qual ele se encontra na Espanha”. Carta do PCF ao PCE, 06/08/1937. Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

⁵⁰ Comisariado de Guerra de las BI: Ficha de Ernesto Joske, s.d., Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL



Com la idea de la creacion de B.I. se ha dado a las masas antifascistas del mundo intero (sic) una nueva arma que puede ser de grande provecho para el futuro. En España hube (sic) en las B.I. bastante sectarismo que impidió (sic) el desenvolvimiento de una buena politica de Frente Popular. Administrativamente eran malas provocando muchos desfalques y demoralizando muchos camaradas por falta de un control eficiente. Militarmente eran en la primera fase de guerra unidades de choque, que levantaron mucho el espiritu de combate de los camaradas españoles⁵¹.

Numa instância menor, o Comitê do PCE da BI considerou Joske como um elemento de “boa” conduta e até como “simpatizante do partido comunista”. Cabe ressaltar que um dos membros do referido comitê era o seu ex-colega de trabalho e militância na ANL no Brasil, o tcheco Jorge Cetl. Talvez este parecer positivo a respeito de Joske se tratasse em parte da boa vontade de Cetl para com um velho camarada. Mesmo assim, parece haver prevalecido a visão anterior vinda de instâncias superiores. O espírito crítico de Joske provavelmente não seria perdoado pelo partido.

Quando da retirada e internamento dos voluntários estrangeiros na França, Joske declarou que pretendia ir para qualquer lugar da América Latina⁵², pois como alemão de origem judaica, o repatriamento para a Alemanha significava a morte. Nesse meio tempo, segundo afirma César Vidal, a Internacional emitiu ordens para que os partidos comunistas não prestassem auxílio para o repatriamento ou asilo àqueles elementos não alinhados com as diretrizes do partido⁵³. Parte da trajetória de Joske, tal como a de Besouchet, permanece enevoadada.

De acordo com Apolônio de Carvalho (que conviveu com Joske nos campos de internação franceses de Argelés sur Mer e Gurs), já em plena

⁵¹ Comisariado de Guerra de las BI: Ficha de Ernesto Joske, s.d., Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

⁵² Assim consta na sua Ficha. Ver Comisariado de Guerra de las BI: Ficha de Ernesto Joske, s.d., Arquivo da IC, microfilme número 10, AEL.

⁵³ Vidal, C. (1998) *Las Brigadas Internacionales*. Op. cit., pp 328.



Guerra Mundial, ele teria sido arrancado das prisões francesas e entregue diretamente nas mãos dos nazistas⁵⁴. As autoridades francesas de Vichy, de fato entregaram milhares de refugiados considerados “apátridas” (e não reclamados por ninguém) para as autoridades nazistas, que os encami-nharam para os campos da morte de Mauthausen, Buchenwald e outros⁵⁵.

Considerações Finais

Para a delegação brasileira, a luta na Espanha representou uma conti-nuidade das lutas no Brasil, ou como disse Apolônio de Carvalho, “sob a direção da Frente Popular espanhola, não faremos mais que dar prosse-guimento à nossa luta [da ANL]. O mesmo combate, só que em terras dis-tantes”⁵⁶.

Nesse sentido, o grupo de voluntários, objeto do nosso estudo, conside-rou que enquanto militantes nacionalistas e comunistas tinham um dever internacional a cumprir: enfrentar o fascismo que, dentro da ótica comunis-ta, ameaçava por igual todas as nações do planeta. Mas o grupo, especial-mente os ex-militares, foi convocado para uma missão política e militar “nacional” no estrangeiro pelo PCB. Voluntários sim, mas inseridos em um esquema organizado de recrutamento dirigido pela *Komintern*. Ou seja, tal como a maioria dos voluntários das BI, os militares brasileiros responde-ram em função de um chamado do partido.

Por sua vez, o PCB somente respondeu ao pedido da *Komintern* no tocante ao fornecimento de voluntários para a Espanha uma vez esgotada as chances de luta contra o inimigo “fascista” no Brasil. Assim, o PCB enviou os seus homens também com o objetivo expresso de capacitá-los

⁵⁴ Carvalho, A. (1997) *Vale a Pena Sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2 ed., pp 168.

⁵⁵ Schwarzstein, D. (2001) *Entre Franco y Perón: Memória y Identidad del Exilio Español en Argentina*. Barcelona: Crítica, pp 4.

⁵⁶ Carvalho, A. (1997) *Vale a Pena Sonhar*. Op. cit., pp 75-76.



para uma luta futura no Brasil. Nas cartas de apresentação dos militares brasileiros ao PCE, inclusive parecia haver um caráter de “arrendamento” dos quadros brasileiros, posto que o PCB os disponibilizava ao PCE, mas pretendia dispor deles quando a situação brasileira o exigisse.

Os soldados-militantes brasileiros enfrentaram problemas na Espanha, além dos rigores dos combates e dos riscos naturais decorrentes da própria guerra. Um sério problema enfrentado pelos ex-militares brasileiros foi o seu mau aproveitamento nas funções militares para as quais estavam preparados. Conforme vimos, isto ocorreu mais em função da falta de garantias políticas suficientes, emitidas do PCB para o PCE, para atestar a idoneidade de seus militantes do que a um juízo negativo emitido a respeito das suas capacidades profissionais militares. Lembremos que perante os outros partidos comunistas envolvidos na Espanha e, principalmente o PCE, o PCB era um partido menor vindo de um lugar distante e pouco desenvolvido, sem maior força e expressão política dentro da Komintern.

Para concluir, os voluntários brasileiros nas BI e no EPR ainda se defrontaram com o rigoroso controle e vigilância política e ideológica da *Komintern* e alguns, como Besouchet, Beinermann e Joske, foram vítimas da máquina repressiva stalinista e da paranoia policial que se infiltrou, em maior ou menor grau, em todos os partidos comunistas ligados a Moscou. Como mostraram os eventos de Maio de 1937, os expurgos de Moscou tiveram também os seus sucedâneos em Madrid e Barcelona.

Bibliografia

Almeida, P. R. (jun/1999) “Brasileiros na Guerra Civil Espanhola: Combatentes na luta contra o Fascismo”. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, UFPR.



Battibugli, T. (2000) *A Militância Antifascista: Comunistas Brasileiros na Guerra Civil Espanhola*. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: USP.

Bayac, J. D. (1980) *Las Brigadas Internacionales*. Madrid: Júcar.

Broué, P. (1993) *Staline et la Révolution: Le Cas Espagnol*. Paris: Fayard.

Carroll, P. (1995) *The Odyssey of the Abraham Lincoln Brigade: Americans in the Spanish Civil War*. California: Stanford University Press.

Carvalho, A. (1997) *Vale a Pena Sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2 ed.

Cunha, J. G. (1986) *Um Brasileiro na Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Alfa Ômega, 2 ed.

Dulles, J. W. F. (1985) *O Comunismo no Brasil: 1935-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Mac Govern, John. "El Terror Comunista en España." Originalmente publicado em *La Révolution Proletarienne* Paris, Nº263, 25/01/1938. Disponível em: <http://www.geocities.com/CapitolHill/9444/ilp.htm> [visitado em novembro 2001]

Schwarztein, D. (2001) *Entre Franco y Perón: Memória y Identidad del Exilio Español en Argentina*. Barcelona: Crítica.

Sodré, N. W. (1986) *Do Tenentismo ao Estado Novo: Memórias de um Soldado*. Rio de Janeiro: Vozes.

Vidal, C. (1998) *Las Brigadas Internacionales*. Madrid: Espasa-Calpe.

Waack, W. (1993) *Camaradas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Fontes documentais

Arquivo Edgard Leuenroth – AEL (UNICAMP – Campinas, São Paulo)

Coleção Arquivos da Internacional Comunista.

Rolo 10 (microfilme): "Características de los Comunistas Brasileños".

Inclui 90 documentos.



Testemunhos audiovisuais

Silveira, D. (2001) *Entrevista com Delcy Silveira*. Porto Alegre.

Carvalho, A. (1998) *Entrevista com Apolônio de Carvalho*. Porto Alegre, vídeo, 120 min.

